

O NORDESTE BRASILEIRO NO ENSINO DE GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DO LIVRO DIDÁTICO DO ENSINO MÉDIO

Maria Juliana Nascimento¹; Francisca Elizonete de Souza Lima²

¹ Mestre em Ensino pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), do Campus de Pau dos Ferros, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. E-mail: mjuhnascimento@gmail.com

² Prof^a. Ma. Departamento de Geografia. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/CAWSL. E-mail: franciscaelizonete@uern.br

Resumo

Este trabalho é resultado de nossas reflexões acerca da abordagem da região Nordeste no livro didático de Geografia do ensino médio “Fronteiras da Globalização – o espaço brasileiro: natureza e trabalho” de Lúcia Marina e Tércio que estava sendo adotado entre os anos de 2015 e 2017 nas turmas de terceiro ano de uma Escola pública, na cidade de Marcelino Vieira – RN. Buscamos analisar a forma como os conteúdos relacionados ao Nordeste são apresentados no livro, bem como propor metodologias para se trabalhar a região Nordeste no ensino de Geografia. Para a construção deste trabalho, realizamos, inicialmente, uma revisão bibliográfica contemplando autores como Andrade (1993), Gomes (2000), Albuquerque Júnior, (2011), dentre outros. Posteriormente, realizamos a análise do livro supracitado, e fomos a campo para dialogarmos com o professor de Geografia, e os alunos de uma das turmas que utilizavam o livro analisado. Nossas reflexões nos permitiram afirmar que o material didático analisado não contempla o Nordeste em sua totalidade, nem colabora para que haja um rompimento com os estereótipos acerca do Nordeste e do nordestino. Dessa forma, caberá ao professor, suprir as deficiências apresentadas pelo livro didático no que tange o ensino da região Nordeste.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Livro didático; Nordeste.

THE BRAZILIAN NORTHEAST IN GEOGRAPHY TEACHING: AN ANALYSIS FROM THE TEXTBOOK

Abstract

This work is the result of our reflections on the approach of the Northeast region in the textbook of Geography of high school “Frontiers of Globalization – the Brazilian space: nature and work” by Lúcia Marina and Tércio that was being adopted between the years of 2015 and 2017 in the third-year classes of a public school, in the city of Marcelino Vieira – RN. We seek to analyze the way in which contents related to the Northeast are presented in the book, as well as to propose methodologies for working with the Northeast region in the teaching of Geography. For the construction of this work, we carried out, initially, a bibliographical review contemplating authors such as Andrade (1993), Gomes (2000), Albuquerque Júnior, (2011), among others. Subsequently, we analyzed the above-mentioned book, and went into the field to dialogue with the Geography teacher and the students of one of the classes that used the analyzed book. Our reflections allowed us to affirm that the analyzed teaching material does not contemplate the Northeast in its entirety, nor does it contribute to a break with stereotypes about the Northeast and the northeastern. In this way, it will be up to the teacher to address the deficiencies presented by the textbook with regard to teaching in the Northeast region.

Keywords: Geography Teaching; Textbook; Northeast.

EL NORESTE BRASILEÑO EM LA ENSEÑANZA DE LA GEOGRFÍA: UM ANÁLISIS DEL LIBRO DE TEXTO DE LA ESCUELA SECUNDARIA

Resumen

Este trabajo es el resultado de nuestras reflexiones sobre el enfoque de la región Noreste en el libro de texto de Geografía de la escuela secundaria “Fronteras de la globalización - el espacio brasileño: naturaleza y trabajo” de Lúcia Marina y Tércio que estaba em adopción entre 2015 y 2017 em en las clases de tercer año de una escuela pública, en la ciudad de Marcelino Vieira - RN. Buscamos analizar como se presentan los contenidos relacionados com el Noreste em el libro, así como proponer metodologías para trabajar con la región Noreste en la enseñanza de la Geografía. Para la construcción de este trabajo, inicialmente se realizó una revisión bibliografica contemplando autores como Andrade (1993), Gomes (2000), Albuquerque Júnior, (2011), entre otros. Posteriormente, realizamos el análisis del libro antes mencionado y fuimos al campo a dialogar com el professor de Geogrfía, y los alumnos de una de las clases que utilizaron el libro analizado. Nuestras reflexiones nos permitieron afirmar que el material didáctico analizado no contempla el Noreste en su totalidad, ni contribuye a romper con los estereotipos sobre el Noreste y el nordestino. Por lo tanto, le corresponderá al professor llenar las deficiencias presentadas por el libro de texto con respecto a la enseñanza de la región Noreste.

Palabras-clave: Enseñanza de Geografía; Libro de texto; Noreste.

INTRODUÇÃO

A região Nordeste do Brasil é alvo frequente de discursos da estereotipia, pautados na seca que ocorre periodicamente na região, onde esta é colocada como sendo responsável pela miséria e fome aí concentrados. Essa imagem do Nordeste foi se solidificando no cenário nacional graças ao papel difusor da mídia, que reproduz os discursos regionalistas elaborados pelas elites locais. Para além disso é também repassada uma imagem do Nordeste como sendo “atrasado”, analfabeto e que só sabe fazer forró e humor.

Alguns livros didáticos, infelizmente, ajudam a propagar estes estereótipos, por não trazerem em seus conteúdos uma abordagem que possibilite ao aluno uma compreensão geográfica da região, no que pese suas características e dinâmicas como: aspectos físicos, sociais, políticos, culturais e econômicos. O que é lamentável, uma vez que o livro didático é um importante recurso metodológico e material de pesquisa para nossos alunos.

Diante disso, nos propomos neste trabalho analisar a abordagem que o livro didático de Geografia “Fronteiras da Globalização – o espaço brasileiro: natureza e trabalho” de Lúcia Marina e Tércio, utilizado nas turmas de 3º ano do ensino médio de uma Escola pública, na cidade de Marcelino Vieira/RN, traz com relação a região Nordeste.

O interesse por pesquisar a temática surge do gosto pelo estudo da região Nordeste, e por acreditarmos na existência de visões distorcidas acerca da mesma e dos nordestinos. Diante disso, ficamos preocupadas em saber como essas questões eram abordadas dentro de sala de aula a partir do uso do livro didático.

A escolha do Ensino Médio se deu por acreditarmos que os alunos deste nível de ensino estão mais aptos a desenvolverem um pensamento crítico, como nos coloca os PCN, pois é no Ensino Médio, onde o “aluno deve construir competências que permitam a análise do real, revelando as causas e efeitos, a intensidade, a heterogeneidade e o contexto espacial dos fenômenos que configuram cada sociedade” (PCNs, 1998, p.30).

Para a construção deste trabalho, realizamos pesquisa bibliográfica com autores que discutem o tema em tela, bem como analisamos o livro didático. Posteriormente, fizemos entrevista semiestruturada com o professor de Geografia da escola supracitada. Para comprovarmos as hipóteses deste trabalho, aplicamos dois (02) questionários com os alunos do 3º ano “C” da escola em questão, e executamos uma oficina, na qual lançamos mão de diferentes recursos metodológicos para trabalhar o Nordeste. Os questionários foram aplicados antes e após a realização da oficina.

Sendo assim, o presente trabalho encontra-se organizado em três (03) seções. Na primeira, trazemos alguns apontamentos acerca do conceito de região na Geografia; num segundo momento, realizamos uma caracterização geográfica da região Nordeste; buscando ainda, numa seção secundária, uma discussão sobre a origem de alguns estereótipos acerca do Nordeste e dos nordestinos. Na terceira e última seção deste trabalho, que está subdividida em três (03) seções secundárias, iniciamos com uma discussão acerca da importância do livro didático para o ensino de Geografia; posteriormente fazemos a análise do livro didático, seguida pela análise da entrevista realizada com o professor de Geografia, e finalizamos com as reflexões levantadas a partir dos questionários e oficina aplicados com os alunos. E então trazemos nossas considerações finais, onde propomos algumas metodologias para se trabalhar a região Nordeste nas aulas de Geografia.

O CONCEITO DE REGIÃO NA GEOGRAFIA: ALGUNS APONTAMENTOS

Diante da proposta do presente trabalho, de analisar como o livro didático de Geografia do ensino médio discute a região Nordeste, consideramos relevante traçar uma breve discussão acerca do conceito de região na Geografia, uma vez que acreditamos ser importante conhecer o conceito antes de nos debruçarmos sobre uma região específica. Para tanto, buscaremos apresentar quando o mesmo surgiu na Geografia, bem como delinear conceituações.

Alguns estudiosos apontam o surgimento do conceito de região como sendo uma “necessidade de um momento histórico em que, pela primeira vez, surge, de forma ampla, a relação entre a centralização do poder em um local e a extensão dele sobre uma área de grande diversidade social, cultural e espacial.” (GOMES, 2000, p. 51), isso porque nos tempos do Império Romano o termo latim *Regione* era utilizado como forma de denominar as “áreas que, ainda que dispusessem de uma administração local, estavam subordinadas às regras gerais e hegemônicas das magistraturas sediadas em Roma.” (GOMES, 2000, p. 50).

Dessa forma, compreendemos que inicialmente a questão da divisão regional era vista como uma ferramenta para o exercício da hierarquia e administração dos Estados. Tendo assim, em sua conceituação um caráter mais administrativo. O conceito de região é utilizado em vários campos do conhecimento, no entanto é na Geografia onde acontece de forma mais intensa, haja vista que a região constitui uma categoria de análise da ciência geográfica.

O uso da noção de região na Geografia, no entanto, é complexo “pois ao tentarmos fazer dela um conceito científico, herdamos as indefinições e a força de seu uso na linguagem comum e a isto se somam as discussões epistemológicas que o emprego mesmo deste conceito nos impõe” (GOMES, 2000, p. 54). Dessa forma, o que foi feito pelos geógrafos foi adjetivar o conceito de região a fim de diferenciá-lo do emprego dado pelo senso comum. E é então que surgem os diferentes conceitos de região construídos pelas correntes do pensamento geográfico.

É então, sob influência da Geologia que surge o conceito de Região Natural, ao se considerar que a Região é um elemento da Geografia física, portanto, um elemento da natureza. Para designar tal conceito, há que se considerar fatores como: clima, relevo, vegetação, dentre outros. Sendo assim, Ribeiro (1993, p. 125) caracteriza a Região Natural, como sendo “um trecho da superfície da Terra, caracterizado pela uniformidade resultante da combinação ou integração em áreas dos elementos da natureza”. Este conceito está muito ligado ao determinismo geográfico da Escola alemã.

Outro conceito de região edificado, foi o de região geográfica, que está ligado ao pensamento possibilista da escola francesa. Neste novo conceito, já percebemos a interação entre natureza e sociedade, uma vez que, para a perspectiva possibilista “as regiões existem como unidades básicas do saber geográfico, não como unidades morfológica e fisicamente pré-constituídas, mas sim como o resultado do trabalho humano em um determinado ambiente” (GOMES, 2000, p.56). Sendo assim, a Região Geográfica é entendida por Ribeiro (1993, p.216) como sendo “uma extensão territorial, onde as combinações entre os fenômenos humanos e naturais lhe dariam uma homogeneidade e uma individualidade”.

Estes conceitos surgidos durante a chamada Geografia clássica, são rediscutidos com a crise da mesma e surgimento do que os autores chamam de Geografia Moderna ou Geografia Nova. Com essa nova fase do pensamento geográfico surgem também dois novos conceitos sobre Região: regiões homogêneas e regiões funcionais ou polarizadas¹.

A partir dos anos de 1970, com a chamada Geografia radical ou crítica, é possível entender o conceito de região como sendo “uma dimensão espacial das especificidades sociais em uma totalidade espaço-social, ou ainda sob uma articulação dos modos de produção, determinados historicamente” (RIBEIRO, 1993, p.218). Assim, cabe a ressalva de que nos apoiamos nesta conceituação de região para discutirmos a região Nordeste no livro didático.

O NORDESTE BRASILEIRO: REFLEXÕES GEOGRÁFICAS

A ideia de uma região denominada Nordeste é relativamente nova, uma vez que até meados da década de 1910 o que se tinha era o país dividido em duas porções, uma se opondo a outra: Norte e Sul. Essa divisão da porção Norte do país se deu em virtude de um fenômeno natural que ocorria no lado oriental do Norte do país, a seca. Tal divisão foi necessária para que ações governamentais fossem implantadas na região acometida por tal fenômeno, sendo então necessário que esta região fosse delimitada. É devido a este fato que Albuquerque Júnior (2011) se refere ao Nordeste como sendo um novo recorte do espaço nacional, que surge a partir das grandes obras contra as secas.

A partir de então começa-se a fazer uso do termo Nordeste, que inicialmente era usado para “designar a área de atuação da Inspeção Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919. Neste discurso institucional, o Nordeste surge como a parte do Norte sujeita às estiagens e, por essa razão, merecedora de especial atenção do poder público federal” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 81).

¹Para entender essas definições sugerimos a leitura de Gomes (2000, p.64).

Em 1941, é realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a primeira divisão oficial do território brasileiro em grandes regiões a pedido do Governo Federal, que “procurava diminuir a autonomia dos Estados e fazer uma integração nacional, a partir do fortalecimento do poder central” (ANDRADE, 1993, p. 5). Essas unidades regionais seguiam a mesma lógica de quando o conceito foi criado na Antiguidade Clássica, servir como subsídio para as ações administrativas.

Para esta primeira divisão foram utilizados elementos naturais como critérios, tais como relevo, hidrografia, vegetação e condições climáticas. No entanto, primavam pelo respeito aos limites estaduais. A região Nordeste era então composta pelos estados que iam do Maranhão até Alagoas. Sendo incorporada à mesma os estados de Sergipe e Bahia apenas na nova divisão do IBGE que se deu nos anos de 1969/70, utilizada com tal configuração até os dias atuais.²

Pensando a região Nordeste, existe um conjunto de fatores físicos e sociais que lhe caracterizam. Como assevera Andrade (2005, p. 37), na região em estudo, “o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e mais preocupa o homem é o clima, através do regime pluvial e exteriorizado pela vegetação natural”. Daí é possível entender a rica diversidade paisagística, que vai de uma área quente e úmida, de belas praias no litoral, até uma área de clima seco e marcado pela vegetação de caatinga no sertão, com presença de conjuntos de serras, que apresentam uma diferenciação climática, sendo estas mais frias e úmidas que outras porções do sertão nordestino.

Para além da variação de paisagens, podemos encontrar no Nordeste, assim como em todo o Brasil, uma grande miscigenação, com pessoas de diferentes etnias e culturas - o que está associado ao processo de colonização ocorrido, e porque aqui, antes da chegada dos portugueses, já habitavam os indígenas. Além destas duas etnias, estiveram por aqui europeus de outros países e os negros africanos trazidos para servirem de mão-de-obra escrava.

A visão estereotipada acerca da região: à guisa de uma desconstrução

É a partir dessa miscigenação de povos que se tem origem os primeiros estereótipos acerca do nordestino, mesmo antes do Nordeste ser definido enquanto região. Isso porque, na porção Norte do país era onde se tinha grande parte da população negra e mestiça, diferente dos brancos que viviam no Sul. Este fato, aliado às condições do meio natural, com clima tropical, favoreciam para que a população ali residente fosse na visão dos sulistas “inferiores psicologicamente, ou desorganizados em sua oralidade” bem como apresentassem como características físicas serem “pequeno e descarnado, com tendência à fixação do esqueleto defeituosa, sobretudo na ossatura torácica, cervical e craniana e tendendo a envelhecer precocemente” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.71). Estes fatos faziam com que, na visão dos sulistas, o Norte estivesse condenado a decadência. Estes estereótipos surgem a partir do movimento migratório de alguns nortistas para o Sul.

Para além destes fatos, após a seca de 1877, a influência do meio passou a ser utilizado como discurso político regionalista, ou seja, uma estratégia nortista para se conseguir recursos financeiros e outros benefícios próprios. Dessa forma, “o discurso da seca e sua ‘indústria’³

² Estas informações podem ser encontradas no site do IBGE: <https://www.ibge.gov.br/>.

³ O termo “indústria da seca” é utilizado para designar o discurso de políticos da região Nordeste que se aproveitam do evento da seca para ganho próprio.

passam a ser a ‘atividade’ mais constante e lucrativa nas províncias e depois nos Estados do Norte” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.72), posteriormente o Nordeste. Servindo, inclusive para “justificar” o atraso econômico da região em relação às demais regiões do país.

E é a descrição da miséria e dos horrores do flagelo causados pela seca (e intensificados pela má gerência dos recursos públicos, e pela perversidade das oligarquias locais que se beneficiavam desse fenômeno) que ajudam a compor a imagem de uma região abandonada e de uma população miserável. No descontentamento com tal situação surgem movimentos como o cangaço e as revoltas messiânicas, fazendo com que novas imagens (pejorativas) sejam construídas acerca do nordestino, que passa ainda mais a ser visto como um povo bárbaro e louco. Estes fenômenos surgem no discurso da seca como mais um argumento a ser utilizado para que se consiga recursos para a região.

E assim, a mídia vai construindo, a partir do discurso regionalista, que segundo Albuquerque Júnior (2011) é o responsável por instituir a “realidade” da região, uma visão acerca do Nordeste que está longe de ser real. Isso porque, tanto no discurso regionalista quanto no abordado pela mídia, estão presentes a estratégia da estereotipização. O discurso da estereotipia é “fruto de uma voz segura e autossuficiente que se arroga o direito de dizer o que é o outro em poucas palavras”. Dessa forma, o estereótipo “nasce de uma caracterização grosseira e indiscriminada do grupo estranho, em que as multiplicidades e as diferenças individuais são apagadas, em nome de semelhanças superficiais do grupo.” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p.30).

No entanto, devemos nos atentar que o estereótipo não é só sobre algo pejorativo, mas é também uma fala produtiva, e é frequente cairmos no discurso da estereotipia quando o assunto é cultura, ao vermos o Nordeste, por exemplo, apenas como a “terra” do forró, quando na verdade temos uma vasta e variada cultura, que vai do carnaval na Bahia até o boi bumbá no Maranhão, passando pelo frevo, xote, dentre outros. Além de existirem nordestinos fazendo samba, rock, pop e uma infinidade de ritmos.

Esses imaginários aqui discutidos estão, inclusive, presentes em alguns livros didáticos utilizados nas próprias escolas da região, fazendo com que tal imaginário seja internalizado pelos alunos. O que vai contra ao que acreditamos ser possível com o uso do livro didático, pois, como nos diz Silva (2008) o livro didático seria uma ferramenta primordial, para que na escola fosse possível desfazer os estereótipos acerca da região nordeste, mas infelizmente não é isto que ocorre. Uma vez que os livros “tendem a mostrar apenas fatos históricos e diferenças físicas entre as sub-regiões do Nordeste” (SILVA, 2008, p.82).

O USO CRÍTICO DO LIVRO DIDÁTICO: UM RECURSO IMPORTANTE NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Os livros didáticos se tornaram um recurso necessário em todas as escolas já há muito tempo. Ele é como diz Tonini (2014, p. 149) “um dos recursos de aprendizagem mais universal de todos na cultura escolar”, pois é utilizado em todas as partes do mundo, sendo ainda uma das ferramentas mais democráticas e necessárias no auxílio da construção do conhecimento no espaço escolar.

No Brasil, o livro didático foi institucionalizado através do Programa Nacional do Livro Didático – PNLD - instituído pelo Decreto nº 91.542 em 19 de agosto de 1985, sendo que cada livro tem uma validade de três anos depois que entra em uso, tornando necessário a atualização de alguns dados pelo professor. Mas então, o que vem a ser o livro didático? Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 339) o livro didático é um recurso de muitos aspectos que vem a ser “uma produção cultural e, ao mesmo tempo, uma mercadoria, devendo, portanto, atender a determinado mercado”. E o governo federal é quem alimenta o mercado do livro didático, a partir da compra deles para distribuição gratuita nas escolas públicas brasileiras.

Na escolha do livro didático, o papel do professor é imprescindível, pois ele poderá identificar as fragilidades presentes no mesmo, a fim de que com sua prática possa superá-las. Esta escolha não pode, como bem coloca Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p.340), acontecer “de forma aleatória, pois alguma reflexão necessita ser realizada se o mestre tiver a consciência de que o alvo é, no presente caso, o aprendizado geográfico”.

Outro ponto merecedor de destaque é o fato de alguns professores considerarem o que está posto nos livros didáticos como verdade infalível, deixando de fazer uma reflexão e transformar a informação contida nos livros em conhecimento junto aos seus alunos.

A importância dos livros didáticos dentro das salas de aula é algo indiscutível, pois é um recurso de grande valor, tanto para alunos quanto para professores. Principalmente quando consideramos a realidade das escolas brasileiras, onde por vezes o livro didático é a única fonte de pesquisa ao qual os alunos tem acesso, e a escola não dispõe de muitos recursos metodológicos para subsidiarem as aulas.

Falando especificamente do livro didático de Geografia, temos com o uso do mesmo, a oportunidade de trabalhar diversas imagens e mapas contidos nos livros, a fim de tornar o conteúdo mais interessante para os nossos alunos. O uso de imagens nos livros é importante porque o professor precisa atrair a atenção dos alunos, uma vez que estes na contemporaneidade estão muito conectados às mídias e a *internet*, sendo as imagens, portanto, “importantes elementos de divulgação e fixação de informações” (TONINI, 2014, p. 157). Assim, as imagens, como também, os textos e livros literários, os filmes e músicas são elementos que permitem potencializar o uso do livro didático na sala de aula.

O uso destes materiais paradidáticos e/ou outras linguagens é importante para complementar a discussão do conteúdo, pois como bem diz Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007, p. 341) “foram construídos com base no conhecimento e na reflexão sobre realidades locais ou regionais” que permitem ao professor trabalhar a realidade de qualquer região que desejar, uma vez que ainda há uma grande centralidade na região centro-sul do país na produção dos livros.

Entendemos ser o livro didático de Geografia importante recurso para compreender a região Nordeste em suas multiplicidades. No entanto, é mais importante ainda que o professor de Geografia vá além do uso do livro, trazendo para a sala de aula metodologias diversas que possam tratar melhor dos vários aspectos da região. Uma vez que, acreditamos que a maioria dos livros mascaram a realidade da região, detendo-se a expor suas características físicas e econômicas, deixando fora da discussão aspectos culturais, políticos e sociais.

Sendo assim, é válido ressaltar que embora o livro didático seja um dos recursos mais democráticos, haja vista ser distribuído de forma gratuita nas escolas públicas (mesmo que nem sempre atenda a demanda do número de alunos), ele se constitui apenas como um material norteador da prática e não o único. Além disso, a forma como alguns professores se apoia em seu uso deve ser repensada, uma vez que o mesmo não traz verdades infalíveis, sendo necessário que haja alguma reflexão por parte do professor ao trabalhar os conteúdos contidos no livro.

O Nordeste no livro didático: reflexões a partir do livro analisado

O livro didático de Geografia utilizado pelas turmas de terceiro (3º) ano de uma Escola pública localizada na cidade de Marcelino Vieira – RN e analisado no presente trabalho é “Fronteiras da Globalização – o espaço brasileiro: natureza e trabalho” (Figura 01) de autoria de Lúcia Marina⁴ e Tércio⁵.

As unidades e capítulos do livro analisado são sempre iniciadas com imagens, acompanhadas de pequeno texto relacionado ao conteúdo que será trabalhado. Os capítulos são permeados por seções compostas de textos secundários e imagens (Figura 02), o que caracteriza o livro como um hipertexto “por inserirem, numa mesma página, textos escritos, imagens, gráficos, mapas, boxes informativos etc. todos são textos paralelos que concorrem entre si na captura do olhar, na busca do aprender. São novos suportes do conhecimento” (TONINI, 2014, p.156). Dessa forma, fogem da perspectiva de leitura linear e sequencial, onde acreditamos que se torna mais atrativos aos alunos.

Figura 01: Foto da capa do livro analisado

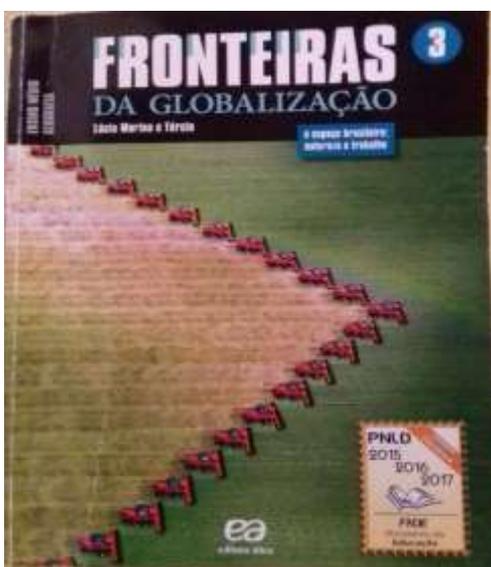


Figura 02: imagens e boxes informativos



Fonte: Acervo da autora, 2017.

Uma das seções, intitulada “Contexto e aplicação” traz textos e atividades que buscam possibilitar o aluno a relacionar o conteúdo estudado com o seu cotidiano, auxiliando na

⁴ Bacharel e licenciada em Geografia;

⁵ Bacharel e licenciado em História e Ciências Sociais.

construção de um conhecimento geográfico mais significativo. Auxiliando para que o professor dê esse enfoque e busque trazer o conteúdo cada vez mais próximo da realidade do aluno.

O presente livro, embora tenha uma abordagem voltada para a Geografia brasileira, não possui capítulos específicos que trabalhem de forma particular as regiões brasileiras, estas aparecem de forma bem pontual no decorrer de outros capítulos com temas específicos. No capítulo três (03), os autores apresentam dois conceitos de região (região natural e homogênea) a fim de se explicar as diversas divisões regionais pelo qual o território brasileiro passou até chegar à sua atual configuração.

Em se tratando de Nordeste, que é o foco desta pesquisa, o livro aborda a região de forma muito superficial, destacando inicialmente a importância que as atividades econômicas, aqui desenvolvidas a partir do século XVII, tiveram na formação e ocupação do território nacional. O livro apresenta ainda, os aspectos físicos da área do Nordeste em que predomina a caatinga e traz uma discussão extremamente interessante acerca dos impactos ambientais sofridos por este domínio morfoclimático, bem como as ações desenvolvidas a fim de minimizar os efeitos de degradação deste bioma.

Posteriormente, o livro aborda o aspecto populacional, considerando desde a composição étnica da população brasileira, até os movimentos migratórios, apresentando o Nordeste como região de expulsão populacional. No entanto, não traz nem mesmo os fatores que motivavam esse movimento migratório.

Ao se trabalhar os complexos regionais brasileiros é posto uma imagem acompanhada de legenda, que acreditamos ratificar os estereótipos e o discurso da seca, que permeiam o Nordeste e o nordestino ao tratar a seca como um problema e não enquanto evento natural, característico do tipo de clima aqui predominante (**Figura 03**). Consideramos que seria válido, traçar neste trecho do livro uma discussão, mesmo que breve, apresentando os aspectos sociais e políticos da seca, o que possibilitaria ao alunado o entendimento de que o problema não está no fenômeno climático, mas na gestão.

Figura 03: Foto de página do livro apresentando a seca como problema do Nordeste.



Fonte: Acervo da autora, 2017

Os últimos capítulos trazem à tona a discussão acerca da estrutura fundiária do Nordeste, que é caracterizada por apresentar a maior concentração de terras no Brasil, que pode ser explicada tanto pela herança colonial, proveniente das capitânicas hereditárias quanto pelo processo de modernização agrícola a partir do Século XX, o qual introduziu diversas empresas rurais na região. Essa estrutura fundiária é uma das responsáveis pela grande desigualdade social que existe no Nordeste. Acreditamos que esta é uma informação pertinente que devia constar no livro para subsidiar um debate com os alunos, possibilitando uma maior compreensão acerca das desigualdades existentes na região, e entre esta e as demais regiões político-administrativas brasileiras.

Conseguimos apreender a partir dessa análise, bem como a partir de diálogo com o professor de Geografia da escola campo de pesquisa, que o livro didático, embora seja um recurso importante para o processo de ensino-aprendizagem, é muito limitado e requer do professor o uso de outras fontes bibliográficas, bem como o uso de outros recursos metodológicos para dar conta do ensino da região Nordeste.

Dialogando com o professor de Geografia

Entendendo o professor como sujeito essencial no processo de ensino-aprendizagem, procuramos a partir de uma entrevista semiestruturada compreender a visão do mesmo acerca do Nordeste brasileiro no livro didático. O professor entrevistado tem formação em Geografia e atua já há onze (11) anos como professor concursado, estando há oito (08) anos trabalhando na escola atual.

Quando questionado sobre qual visão ele tem acerca do ensino da região Nordeste na Geografia, o professor elucidou ser muito prazeroso e fácil trabalhar a temática, uma vez que podemos trabalhá-la a partir de dois conceitos-chave da Geografia: Região e lugar. Para ele, trabalhar tal temática se torna mais fácil para o professor e também para os alunos, pois

[...]estamos trabalhando o lugar em que nós vivemos, então nós temos mais propriedade de explorar essa temática e o aluno tem uma maior propriedade de ampliar esse conhecimento na área, porque ele já traz um conhecimento prévio, é o cotidiano dele, é o dia-dia dele, então nós vamos apenas lapidando esse conhecimento dele. (Fala do professor. Entrevista concedida em agosto de 2017).

Dessa forma, podemos estar constantemente associando o conteúdo à realidade do aluno, partindo de uma análise do local para o regional, nos possibilitando assim, a construção de um conhecimento geográfico mais significativo para nossos discentes. O professor entrevistado comunga desta nossa visão, uma vez que quando questionado acerca de quais aspectos da região Nordeste ele dá mais destaque em suas aulas, ele nos respondeu: “início pelo aspecto histórico, depois, é claro vai abrangendo a parte econômica, e principalmente social no que diz respeito ao cultural, porque está relacionado com o dia-a-dia do nosso alunado”. Assim, compreendemos que partindo do cotidiano dos nossos alunos, a apreensão dos conteúdos se dá de maneira mais significativa.

O professor faz questão de alertar para uso do livro didático e para que não caiamos no equívoco de utilizá-lo como uma “bíblia”, pois ele é apenas um dos muitos recursos que podem ser utilizados na construção e execução das aulas. Sobre a forma como o conteúdo da região Nordeste é abordado no livro didático utilizado na escola, ele diz ser muito superficial e não dá conta de forma alguma do ensino da Região Nordeste, sendo preciso assim que o professor procure outros meios para trabalhar o conteúdo, não se limitando ao livro didático.

O professor nos lembra ainda, que grande parte das produções de livros didáticos do país são produzidos nas regiões sul e sudeste, sendo assim priorizam mais essas duas regiões, como destacou em sua fala: “Nordeste é apenas uma pincelada e para nós não é interessante”. E é por isso que o professor afirma iniciar o trabalho acerca das regiões brasileiras pela região Nordeste, uma vez que é a região em que o aluno vive, tendo assim mais propriedade para explorá-la.

Diante de sua afirmação sobre a superficialidade com que o Nordeste é trabalhado nos livros didáticos, e a necessidade do professor procurar outras formas para trabalhar o conteúdo em sala de aula, buscamos saber quais as metodologias utilizadas por ele. O professor nos respondeu que há uma grande variedade de metodologias que podem ser utilizadas:

Apresentação de seminários, pesquisas, entrevistas, exposições, aulas de campo, embora a gente tenha muita dificuldade de realizar aula de campo, por diversos fatores, primeiro, que falta transporte, segundo, a responsabilidade é grande você tirar das quatro paredes, que eu sei que a aprendizagem é maior, mas também se torna uma responsabilidade maior você levar o aluno para uma aula de campo, o que acontecer lá nós é quem respondemos. Mas aí, por exemplo, eu uso muito para trabalhar o Nordeste, uma zona rural, o entorno nosso, que eu possa nesse espaço trabalhar o contexto histórico, que eu posso trabalhar os recursos naturais, clima, vegetação, relevo, hidrografia, os problemas ambientais típicos da região Nordeste, que eu possa trabalhar as manifestações culturais. Então, a aula de campo geralmente é mais utilizada, e a partir dessa aula de campo, o aluno tem mais propriedade para realizar pesquisa. (Fala do professor. Entrevista concedida em agosto de 2017).

Com isso percebemos mais uma vez o quanto é possível explorar a partir do local. E por acreditar que essas metodologias podem ser ainda mais eficientes utilizando as várias linguagens metodológicas. A esse respeito, perguntamos ao professor o que ele pensava a respeito de se trabalhar com cordel, músicas, filmes, dentre outros. O professor afirmou ser uma ótima maneira de trabalhar a região Nordeste, pois além de tudo, ainda era importante para incentivar a interdisciplinaridade e que, se quiséssemos, poderíamos levar um ano inteiro somente explorando a região Nordeste em todos os seus aspectos, por meio de projetos interdisciplinares.

Perguntamos se ele acredita existir uma visão distorcida da realidade do Nordeste e do nordestino. O mesmo nos afirmou que:

Com certeza, existe. Os livros geralmente são publicados, são lançados nas regiões Sul e Sudeste, então geralmente a versão, a visão é a deles, é tanto que quando você abre boa parte dos livros didáticos de Geografia, quando vai

falar do Nordeste, as imagens que logo são exploradas é a margem de um açude seco, a cabeça de gado, um pé de xique-xique, o chão rachado, a casa de taipa, o carro pau de arara, então é uma visão realmente distorcida, manipulada e que cabe a nós geógrafos em especiais, principalmente do Nordeste, mudar essa visão. (Fala do professor. Entrevista concedida em agosto de 2017).

O professor acrescentou ainda, que é de extrema importância levarmos esta discussão para nossos alunos, a fim de que os mesmos possam perceber esta visão que é construída acerca de nossa região e, conseqüentemente, desmistificar essas distorções sobre o Nordeste. Para finalizar, perguntamos se ele acredita ser possível, por meio do ensino de Geografia, mudar esta visão. E ele, com um sorriso no rosto, respondeu: “com certeza, e tem que ser por meio da Geografia. Temos nós, geógrafos, essa responsabilidade muito grande, desmistificar, como eu disse, determinadas inverdades, mentiras ou pelo menos visões manipuladas” (Fala do professor. Entrevista concedida em agosto de 2017).

O Nordeste brasileiro a partir da visão dos alunos do 3º ano “C”

A fim de comprovarmos a primeira hipótese deste trabalho, que é a de que os livros didáticos do Ensino Médio não possibilitam ao aluno uma compreensão geográfica da região Nordeste em sua totalidade, no que pese suas características e dinâmicas como aspectos físicos, sociais, políticos, culturais e econômicos, aplicamos questionários com os alunos da turma supracitada para que pudéssemos verificar a visão deles sobre a região Nordeste.

Devido ao grande número de alunos faltosos em praticamente todas as aulas⁶, apenas metade responderam ao questionário, que foi um total de nove (09) alunos. Neste questionário, uma das questões que gostaríamos de saber era qual a primeira imagem que vinha a mente deles quando pensavam na região Nordeste. Com exceção de um aluno, que falou da Caatinga, os demais visualizavam a região como seca e quente, além de um lugar difícil de se viver, em virtude da escassez de chuvas. A segunda questão dizia respeito ao que a região representava para os mesmos. Foi unânime a resposta de que a mesma representa um lugar seco, até pontuaram ser a região importante, uma vez que é a região deles, mas a importância da mesma parece limitar-se à questão da seca.

Buscamos saber também como eles viam o conteúdo sobre Nordeste no livro que usavam. As respostas variaram entre clima seco e vegetação seca, não fugindo do que já tinham dito anteriormente. Uma das alunas disse que: “o livro explica muito bem, pois abrange tudo sobre região Nordeste, e com isso consigo aprender muito melhor o conteúdo.” No entanto, após analisarmos o livro em questão, percebemos que até mesmo falta conhecimento dos alunos acerca do livro que utilizam, ou então os mesmos têm uma visão limitada da região Nordeste, uma vez que o livro não a trabalha em sua totalidade.

Para finalizar o questionário, solicitamos que a partir de algumas imagens, eles assinalassem a região a qual as imagens correspondiam (**Figura 04**). Essa questão continha oito

⁶ A turma em que se realizou a pesquisa é uma turma de Ensino Médio noturno diferenciado, onde não há assiduidade por grande parte do alunado.

(08) imagens, sendo que cinco (05) correspondiam a região Nordeste, as outras três (03) eram do Sudeste (B), Norte (C) e Sul (F).

Dos nove (09) questionários respondidos, apenas dois (02) assinalaram corretamente que a imagem **A** diz respeito a uma praia do litoral Nordestino. Em contrapartida, sete (07) assinalaram erroneamente a imagem **B** como representativa da região Nordeste, nos permitindo perceber a relação com as primeiras respostas do questionário e com a imagem do Nordeste que é passada pela mídia e às vezes até mesmo pelos livros didáticos, resumindo o Nordeste à seca, ao chão rachado, esquecendo de outros elementos naturais significativos que temos na região.

Três (03) alunos afirmaram equivocadamente que a imagem **C** representava dança típica do Nordeste, o mesmo número dos que acertaram que a imagem **D** representa que a festa de Reisado é uma festa típica Nordestina. O que nos fez refletir acerca do ensino da cultura nordestina que é amplamente divulgada apenas na perspectiva do forró, esquecendo do quão variada é a nossa cultura.

Figura 04: Foto das imagens da quarta pergunta do questionário respondido pelos alunos.



Fonte: Acervo da autora, 2017.

A única unanimidade foi quanto a imagem **E**, que de fato representa o Nordeste seco. As duas últimas imagens **G** e **H**, são imagens de lugares bem próximos aos alunos, ambas de cidades serranas nordestinas, e nenhum aluno conseguiu identificar, o que nos deixa preocupados quanto ao que é internalizado pelos alunos a respeito da imagem do Nordeste como

um lugar seco; em que ao ver uma imagem de chão rachado imediatamente associam ao Nordeste, mas ao ver um lugar com uma natureza exuberante, verde e com água acham que é de qualquer outra região do país, mesmo a mesma sendo do Nordeste. A partir disso, percebemos a importância que o professor de Geografia tem para a desconstrução dessa visão distorcida da região.

A segunda hipótese que construímos para a nossa pesquisa, sugere que o professor de Geografia poderá sanar as lacunas deixadas pelo livro didático se dispuser de recursos metodológicos, que possibilitem ao aluno conhecer e analisar a região em seus diversos aspectos. Visando comprovar essa hipótese, ministramos uma oficina pedagógica na turma, sobre a temática em voga.

Durante a oficina que iniciou com uma contextualização acerca do surgimento do Nordeste enquanto região, utilizamos diversos recursos metodológicos a fim de levar para os alunos o conteúdo de uma forma mais interativa. Realizamos um passeio pelos aspectos físicos da região, refletindo sobre população, atividades econômicas e os aspectos naturais, políticos e sociais da seca. Enfatizamos também os estereótipos acerca do Nordeste e do Nordestino, muito presente na dramaturgia produzida sobretudo na região Sudeste. Utilizamos cordel como forma de ilustrar a cultura Nordestina, aproveitando de seu conteúdo que apresentava alguns nordestinos notáveis⁷ que cantam e contam o Nordeste pelo Brasil a fora. Utilizamos vídeos a fim de representar os estereótipos por vezes disfarçados nas novelas e filmes. Fizemos uso da música para trabalhar o caráter político e social da seca. Como produto final da oficina, os alunos construíram cartazes ilustrando o que foi apreendido.

Como forma de comprovar nossa segunda hipótese, aplicamos novo questionário com os alunos, e por motivos já mencionado neste trabalho, a falta de assiduidade de grande parte do alunado, apenas cinco (05) alunos responderam o questionário. A partir da análise destes questionários pudemos perceber que a oficina contribuiu de alguma forma para a construção de uma nova visão acerca da região em estudo. Uma vez que pudemos identificar que eles não viam mais a região apenas como seca e quente, mas viam a variedade de paisagens existentes na mesma, bem como passaram a conhecer parte do contingente de artistas e intelectuais da região. Os alunos afirmaram ter gostado da metodologia, pois além de ser algo diferente do que eles estão acostumados, facilita o aprendizado, tendo inclusive um aluno dito que a oficina possibilitou que ele passasse a valorizar mais a região em que vive. Ao questionarmos se a oficina tinha permitido que eles conhecessem algum novo aspecto a respeito da região, todos responderam que sim, que um ou outro fato exposto lhes tinha chamado atenção por ser uma informação nova.

A terceira pergunta do questionário é a primeira do primeiro questionário, sobre qual é a primeira imagem que vem à cabeça deles ao pensar em Nordeste, e embora a seca ainda seja uma resposta presente, além dela os alunos pontuaram outras coisas, como as praias, as festividades, entre outros. Uma resposta que nos chamou bastante atenção foi a de uma aluna que coloca o Nordeste como sendo um “lugar de cultura e saberes”.

⁷ Nordestinos que fizeram seus nomes na música, na literatura, na comédia, na Educação e na política, tais como: Zé Ramalho, Luiz Gonzaga, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Chico Anísio, Renato Aragão, Paulo Freire, Lula dentre outros.

Ao perguntarmos sobre a visão que eles construíram do Nordeste, as respostas deixam de ser “um lugar sofrido e seco” e passam a corresponder como “um lugar de belezas naturais, grande variedade cultural e que infelizmente é mal visto por pessoas de outras regiões”, tendo inclusive uma aluna comentado a falta de políticos sérios que possam resolver os problemas que a região enfrenta.

Com isso, percebemos que apesar de difícil, por ser uma questão cultural, é sim possível desconstruir determinadas visões equivocadas acerca da região Nordeste, ensinando aos nossos alunos que a mesma não é só uma região seca e de miséria, mas que possui uma grande riqueza natural e cultural que não é mostrada porque não é do interesse das elites locais, nem mesmo da grande mídia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: PROPONDO METODOLOGIAS

É comum finalizarmos um trabalho, revisitando todo o texto, destacando algumas partes que, ao escrevermos e refletirmos, nos chamaram a atenção. Contudo, finalizar essa escrita com algumas proposições metodológicas foi o caminho delineado por nós visando contribuir, mesmo que de forma pontual, se não com a prática de alguns professores, ao menos com a reflexão destes acerca de como anda o processo do ensinar-aprender, no que tange o trabalho com a região Nordeste.

É por isso que diante das fragilidades encontradas, no que diz respeito ao conteúdo sobre a região Nordeste no livro analisado, e com a nossa experiência com a oficina ministrada na turma que estava sendo pesquisada, entendemos que o uso das diferentes linguagens pedagógicas pode nos auxiliar nas aulas de Geografia. Tomando como referência a obra de Portugal e Souza (2013)⁸, nos propomos aqui apresentar algumas metodologias pertinentes para o ensino da região Nordeste nas aulas de Geografia.

O uso dessas linguagens torna a aula mais interativa e aproxima o aluno do conteúdo estudado, sobretudo quando se faz o uso de imagens, pois como diz Tonini *et al*(2014, p. 157) “O novo ambiente de aprendizagem é ‘atravessado’ pelas condições de existência de uma sociedade contemporânea midiática, para a qual as imagens são importantes elementos de divulgação e fixação de informações” e os jovens estão constantemente em contato com essas imagens, seja através da *internet* ou da televisão, então o uso das mesmas em sala de aula torna-se uma forma de atrair a atenção do aluno.

Acreditamos que trabalhar a região Nordeste partindo de seu aspecto cultural facilita a aprendizagem do aluno, pois este aspecto está relacionado ao cotidiano dos mesmos. Sendo assim, podemos fazer uso de diferentes linguagens para subsidiar nossa prática, tais como: cinema, literatura, música, dentre outros.

A partir do uso do cinema na aula de Geografia, por exemplo, é possível fazer uma leitura geográfica dos espaços representados, analisando a paisagem, os costumes das personagens dentre outros. Mas é importante que o professor tenha um planejamento prévio, onde saiba que aspectos serão abordados a partir do filme, o que objetiva com a exibição do

⁸ Embora os autores trabalhem o espaço rural, as metodologias por eles apontadas são base para trabalharmos a região Nordeste em sua totalidade.

mesmo e que atividades serão solicitadas, e principalmente que faça uma reflexão sobre o filme, analisando se as representações sociais que o mesmo reproduz são condizentes com a realidade.

Há uma grande variedade de filmes que podem ser utilizados para trabalhar os diversos aspectos da região Nordeste, tais como: o *Auto da Compadecida*⁹, inspirado na peça teatral de mesmo nome, do paraibano Ariano Suassuna, que procura em sua obra mostrar o sertão das caatingas, os valores do povo sertanejo, a autoridade dos padres e do Coronel, dentre outros aspectos tão marcantes do Nordeste, do início do século XX. Além deste, temos outros títulos, como: *O caminho das nuvens*¹⁰, *Abril despedaçado*¹¹, *Vidas Secas*¹², que nos permitem trabalhar questões como a seca, a migração, as atividades econômicas que formaram o Nordeste, bem como fazer uma leitura geográfica das paisagens.

Além do cinema, podemos fazer uso da literatura, que, para Portugal e Souza (2013) permite aos professores de Geografia identificar os espaços descritos nos textos, as situações e os acontecimentos, bem como os elementos naturais, sociais e culturais. E para isso temos importantes obras daqueles a quem Albuquerque Júnior (2011) chama de “romancistas de trinta” (1930), com destaque para José Lins do Rego, José Américo e Rachel de Queiroz, cada um apresentando a região a partir de um cenário diferente, o que enriquece a abordagem.

Dentro da literatura, podemos utilizar a literatura de Cordel, que fornece uma visão que nos permite o reviver as raízes, além de representar uma das mais famosas formas de produção cultural nordestina, que é segundo Albuquerque Júnior (2011, p. 129) “Um difusor e cristizador de dadas imagens, enunciados e temas que compõem a ideia de Nordeste”, e hoje consideramos como importantes na divulgação e defesa da cultura nordestina. A exemplo do cordel intitulado “Defendendo o meu Nordeste”¹³ de autoria de Robson Renato, que como o próprio título sugere, faz uma defesa contra as visões distorcidas que se têm do Nordeste e do nordestino.

A música é outra interessante linguagem a ser utilizada na sala de aula pelo professor de Geografia, uma vez que ela está presente no cotidiano dos alunos. Para se trabalhar o Nordeste por meio de música, nada melhor que as produções de Luiz Gonzaga, conhecido como criador da “música nordestina”, que para Albuquerque Júnior (2011), a música de Gonzaga é pensada como representante da identidade regional nordestina, que dá “a este recorte uma sonoridade que ainda não possuía ao realizar um trabalho de recriação comercial de uma série de sons, ritmos e temas folclóricos desta área do país” (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 175).

Em suas músicas¹⁴ podemos ver presente a religiosidade do nordestino (*Viva meu Padim* e *De Juazeiro a Crato*); a migração ocasionada em sua maioria pela seca na região (*Asa*

⁹ Direção de Arraes, 2000.

¹⁰ Direção de Vicente Amorim (filme de 2003)

¹¹ Direção de Walter Salles (filme de 2001);

¹² Direção de Nelson Pereira dos Santos (filme de 1963).

¹³ O Cordel “Defendendo o meu Nordeste” do poeta cordelista Robson Renato, está disponível em:

<http://www.recantodasletras.com.br/cordel/5673590>

¹⁴ As músicas de Luiz Gonzaga citadas neste parágrafo estão disponibilizadas nos seguintes links:

Viva meu Padim. https://www.youtube.com/watch?v=nBgyB6Jb2_Y;

De Juazeiro a Crato. <https://www.youtube.com/watch?v=olbsshAt9HM>;

Asa Branca. <https://www.youtube.com/watch?v=h7dEtdyZ2qE>;

Branca) o amor do Nordestino pela terra, que espera a chegada do inverno para retornar (A volta da Asa Branca), dentre outros títulos. Além de outros artistas que cantam as riquezas do Nordeste, como na música “Nordeste independente¹⁵” de Bráulio Tavares e Ivanildo Vilanova, gravada por Elba Ramalho, “O Nordeste é rico em tudo¹⁶”, cantada pelos Os Nonatos, que é outro exemplo de música que destaca as riquezas materiais e imateriais da região. A música “Chuva de honestidade¹⁷”, de Flávio Leandro é outro bom exemplo para trabalhar o Nordeste, uma vez que traz uma discussão social, nos fazendo refletir que o problema do Nordeste vai bem além da seca.

Fica evidente a variedade de recursos que podem ser utilizados para trabalhar a região Nordeste em sala, de aula de forma a possibilitar que nossos alunos tenham um conhecimento mais amplo da região, não se limitando a um ou outro aspecto. Esses recursos potencializam o uso do livro didático, que é um recurso de grande valia no processo de ensino-aprendizagem, por ser por vezes a única fonte de pesquisa do aluno, mas que sozinha não dá conta do ensino da região Nordeste. E como pudemos perceber com o relato da oficina ministrada na turma que estava sendo pesquisada, as diferentes metodologias auxiliam muito no processo de ensino aprendizagem, e é por isso que consideramos importante o uso destas para trabalhar a região Nordeste em sala de aula.

Ficou claro para nós o déficit que os alunos apresentam ao se tratar do conhecimento da região em que vivem. Acreditamos ser esse um problema ocasionado pela mídia e uso do livro didático como único recurso, mas pudemos perceber também que através do ensino de Geografia é possível que esse quadro mude, fazendo com que os alunos construam um conhecimento mais amplo a respeito dos diversos aspectos da região Nordeste. E o professor de Geografia, sujeito tão importante nesse processo, pode para isso fazer uso das obras de grandes Nordestinos.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, L. M. A.; RIGOLIN, T. B. **Fronteiras da globalização – o espaço brasileiro: natureza e trabalho**. São Paulo: Ática, 2013.

ANDRADE, M. C. **Nordeste e a questão regional**. São Paulo: Ática, 1993.

ANDRADE, M. C. O Nordeste: região de contrastes. In: _____. **A terra e o homem no Nordeste: contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2005. p. 35-70.

A volta da Asa Branca. <https://www.youtube.com/watch?v=zxakkIYlbI8>

¹⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8JOf7pwI3A>

¹⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qzIMozzoNk4>.

¹⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUUNteLy6BQ>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Geografia/ Secretária de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

GOMES, P. C. C. O conceito de região e sua discussão. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 49-76.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. O livro didático de Geografia. In: _____. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 339-349.

PORTUGAL, J. F; SOUZA, E. C. Ensino de Geografia e o mundo rural: diversas linguagens e proposições metodológicas. In: CAVALCANTI, L. S (org). **Temas da geografia na escola básica**. Campinas, SP: Papirus, 2013, p.95-134.

RIBEIRO, L.A.M. Questões regionais do Brasil. In: RUA, João; WASZKIAVICUS, Fernando Antônio; TANNURI, Maria Regina Petrus; NETO, Helion Póvoa (Orgs.). **Para ensinar Geografia**. Contribuições para o trabalho com 1º e 2º graus. Rio de Janeiro: ACCESS Editora, 1993. p. 214-220.

SILVA, C. A. G. C. **A diversidade cultural do nordeste brasileiro nos livros didáticos de geografia do ensino médio**. 2008. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Alagoas. Centro de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Maceió, 2008.

TONINI, M. I. Livro didático: textualidades em rede? In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos [et al.] (Orgs.). **O ensino de Geografia e suas composições curriculares**. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 149-159.

Artigo recebido junho/2021 e aceito em dezembro/2021